

fesThink

festa do pensamento

ALMADA
SOLAR DOS ZAGALLOS
11>12 JUNHO 2022

ORGANIZAÇÃO



APOIO

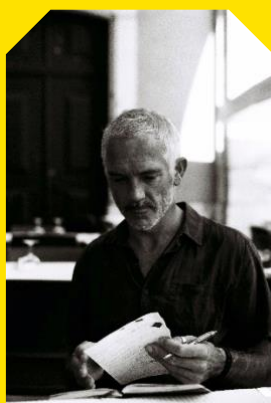


PESSOA

Bridges in Culture
making happen

lista de participantes do fesThink Almada – 2022

(por ordem de apresentação)



Bartholomew Ryan. Nascido na Irlanda, é escritor, músico e investigador em Filosofia. É coordenador do Laboratório de Cultura e Valores (CultureLab) no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. O seu trabalho académico e criativo está centrado no tema da ‘transformação’ e da pluralidade do sujeito, levando em consideração as máscaras, viagens e identidades (múltiplas) que definem a condição humana moderna. Publicou vários artigos e livros sobre filosofia e literatura. É membro de vários projetos de investigação em Portugal. Leciona atualmente a cadeira ‘Arte e Experiência’ no

programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, com cursos como ‘O Pensamento Ecológico na Filosofia e na Arte’ (2020), e ‘Pluralidade, Paralisia e Revolução no Teatro do Si’ (2018-2019). Foi docente no Bard College Berlin durante quatro anos, e leccionou também em universidades no Brasil (UFES, USP, UFSC, UnB), além de Oxford, Aarhus, Dublin e Bishkek. É ainda líder do projecto musical internacional The Loafing Heroes, que lançou o seu sexto álbum “Meandertales” em 2019.



José Carlos Barros. É licenciado em Arquitectura Paisagista pela Universidade de Évora. Vive e trabalha no Algarve, em Vila Nova de Cacela. Foi director do Parque Natural da Ria Formosa e da Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António. É autor de vários livros de poesia e de três romances. Com o mais recente “As Pessoas Invisíveis” recebeu o Prémio LeYa 2021.



Sofia Guedes Vaz. É investigadora no Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA), Universidade Nova de Lisboa e Directora da empresa de consultoria S.714 – Sustentabilidade e Ética. Tem 30 anos de experiência em diversos organismos, públicos e privados, nacionais e internacionais na área do ambiente. A licenciatura em Engenharia do Ambiente e um doutoramento em Filosofia do Ambiente deram-lhe uma perspectiva interdisciplinar e uma

compreensão abrangente do tema. Tem diversas publicações, onde se destacam um livro que editou na sequência das conferências que organizou com o Programa Gulbenkian Ambiente: “Environment. Why read the classics”, e um ensaio da coleção da Fundação Francisco Manuel dos Santos: “Ambiente em Portugal”. É actualmente presidente da Sociedade de Ética Ambiental.



Ana Filipa Rosa. Foi um dos elementos fundadores da Rádio Observador onde, como locutora, assumiu a condução do painel da tarde durante 3 anos. Antes disso passou pela Rádio Renascença e pela RTP, onde fez parte da equipa de animação da RDP Internacional e da primeira rádio infantil do grupo, a Zig Zag. É licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e trabalha em comunicação desde 2011.



Chico Diaz. Ator brasileiro e pintor, arquiteto de formação, nascido no México. No Rio de Janeiro desde 1968, estreou no cinema em 1981 com “O sonho não acabou” de Sérgio Rezende, de onde nunca mais saiu. Com participação em mais de 80 filmes, tem um vasto leque de premiações no cinema, no teatro e na televisão. Em Portugal, participou como protagonista no filme “O ano da morte de Ricardo Reis” de João Botelho e em “Biografia de um Poema” de António Pires no Teatro do Bairro. No festival de Almada em 2021 apresentou “A lua vem da Ásia”, de Campos de

Carvalho com ótima recepção pela crítica. Em 2022 viveu o “Rei Lear” no Teatro Ibérico. Concebeu e dirigiu recentemente o doc/ficção “Diário dentro da Noite” apresentado no Festival De Tiradentes (Brasil), onde foi homenageado em 2021 por sua carreira e representatividade no cinema.



Rita Natálio. Artista e investigador. Lésbica não-binária. Os seus espaços de prática relacionam poesia, escrita ensaística e performance. Doutorando em Estudos Artísticos na Universidade Nova de Lisboa (FCSH) e Antropologia na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da FCT, investiga desde 2014, o recente debate sobre o conceito de Antropoceno e o seu impacto sobre a redefinição disciplinar e estética das relações entre arte, política e ecologia. Estudou Artes do Espetáculo

Coreográfico na Universidade de Paris VIII e é mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). A partir da sua investigação doutoral, realizou uma série de conferências-performance, entre elas “Antropocenas” (2017) com João dos Santos Martins, “Geofagia” (2018) e “Fóssil” (2020). Publicou também dois livros de poesia (“Artesanato”, 2015 e “Plantas humanas”, 2017). Em 2019, participou de um grupo curatorial fomentado por Ailton Krenak que organizou “Ameríndia: percursos do cinema indígena no Brasil” na Fundação Calouste Gulbenkian, uma mostra que trouxe 5 cineastas indígenas a Portugal e apresentou mais de 30 filmes de produção indígena. Em 2020, Rita Natálio co-organizou o seminário “Re-politizar o Antropoceno” dentro do projeto internacional Anthropocene Campus Lisboa junto com Davide Scarso e Elisabeth Johnson, projeto originado no HKW em Berlim. Iniciou a rede Terra Batida em 2020, uma rede que organiza programas de residência e comissiona pesquisas artísticas para que artistas, cientistas e ativistas se cruzem no acompanhamento de conflitos socioambientais em diversos contextos territoriais portugueses.



Paulo Pires do Vale. Comissário do Plano Nacional das Artes, professor universitário, ensaísta e curador, é licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH). Lecionou na Universidade Católica Portuguesa, no Departamento de Arquitetura da UAL e na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, onde coordenou a Pós-Graduação em Práticas Artísticas e Processos Pedagógicos. Entre 2015 e 2018 foi presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte.

Escreveu “Tudo é outra coisa. O desejo na Fenomenologia do Espírito de Hegel” (Colibri, 2006) e inúmeros ensaios para livros, revistas e catálogos de exposições coletivas e individuais, em Portugal e no estrangeiro, focando-se na relação entre arte, educação e sociedade.



Sofia Perpétua. Nasceu em Lisboa e é jornalista e produtora audiovisual. Mestre em Jornalismo com especialização em narrativas visuais pela City University of New York (CUNY), recebeu a The New York Times Fellowship em 2013. Em Nova Iorque, trabalhou nas redações do The New York Times, NBC, CNN e New York Financial Press. Entre os trabalhos que produziu para o The New York Times, destaque para a série literária “The Read Around”, “On the Street with Bill Cunningham” e uma entrevista a Patti Smith. Em 2016, trabalhou para o The New York Times no Brasil na cobertura da epidemia de zika, sendo que um dos trabalhos produzidos ganhou o primeiro lugar do Picture of the Year International Competition para melhor trabalho de multimédia e reportagem. Colaborou com The Washington Post, BBC, The Intercept, Ms. Magazine, PRI, Great Big Story, Greenpeace, UNICEF, Human Rights Watch, Cleveland Review of Books, Expresso, entre outros. Em 2019, foi nomeada para um Webby com a produção do podcast “The Thread”. Esteve em Tóquio em 2021 e em Pequim em 2022 onde trabalhou na cobertura dos Jogos Paralímpicos.



João Erbeta. É compositor, cantor e violonista brasileiro, responsável pela banda sonora da série da Netflix "Coisa Mais Linda". É multi-instrumentista, cantor, compositor e produtor musical. Vai do Punk ao Samba em menos de 10 compassos. Nascido em São Paulo já dividiu palcos e estúdios com artistas como Pepeu Gomes, Roberta Campos, Heraldo do Monte, Marcelo Jeneci, Jards Macalé, Clarice Falcão e João Donato, entre muitos outros. Já tocou para o casal Obama, num jantar na Casa Branca (diz que a comida estava boa). Nesse show solo João canta composições próprias, clássicos do Samba e da Bossa Nova e alguns temas instrumentais, sempre misturando a brasilidade com os ritmos latinos.



Koosje. É uma cantora de soul, compositora e arranjadora holandesa. Com João Erbeta, apaixonados pelas ideias musicais um do outro, gravaram um álbum em Vila Nova de Gaia, a ser lançado recentemente. O resultado é uma mistura vibrante e apaixonada de Música Brasileira, Folk e Neo-Soul com um toque jazzístico. Nesse show, além das canções inéditas, eles reeditam clássicos como “Desafinado”, “Lush Life” e “The Look of Love”.



Apolo de Carvalho. É doutorando do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e bolseiro da FCT. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Coimbra e em Politique et Développement en Afrique et dans les Pays des Sud (PDAPS) pela Sciences Po Bordeaux. É licenciado em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Membro da Afrolis-Associação Cultural, é investigador no projeto AFROPORT.



Ana Kiffer. É Professora da Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Cientista do Estado pela FAPERJ e Bolsista de Produtividade no CNPq. Curadora convidada da Bienal de São Paulo 2021. É escritora, autora dos livros “Tiráspola e Desaparecimentos” (Editora Garupa, 2016), “A punhalada” (7Letras, 2016) e “Todo Mar” (Urutau, 2018). É colunista da revista literária Pessoa. Investigadora da obra do escritor francês Antonin Artaud, vem desenvolvendo há muitos anos uma investigação sobre os diversos modos de relação entre os corpos e a escrita. Autora do livro “Antonin Artaud” (EDUERJ, 2016) e, com Gabriel Giorgi, “Ódios Políticos e Política do Ódio” (Bazar do Tempo, 2019) e “Las Vueltas del ódio” (Eterna Cadêcia, 2020). Organizadora do livro “A Perda de Si – cartas de A. Artaud” (Rocco, 2017) e das coletâneas: “Sobre o Corpo” (7Letras, 2016), “Expansões Contemporâneas: literatura e outras formas”, com Florência Garramuno, (UFMG, 2014), entre outros artigos e ensaios. Foi curadora, em 2020, da exposição Corte/Relação dos cadernos de Antonin Artaud e de Édouard Glissant para a 34ª Bienal de São Paulo. Em 2021, estreou seu primeiro romance “O Canto Dela”, pela editora Patuá.



Beatriz Almeida Rodrigues. É doutoranda em Filosofia no King’s College London, com um projecto de investigação sobre o conceito de grotesco na estética moderna. Concluiu em 2018 o mestrado em Filosofia, com especialização em Filosofia Política, e em 2016 a licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais. Publicou em 2021 o livro de poesia “Manganês” pela editora Flan de Tal. Entre 2013 e 2017, co-organizou e escreveu regularmente para a revista literária Apócrifa – Projecto Literário em Curso. Publicou também poemas na antologia Pedro & Inês – 15 Poetas Contemporâneos, no jornal A Batalha e nas revistas literárias Flanzine, Ideia e Tlön.



Nuna. Tem 26 anos, ativista interseccional, revisionista e artista multidisciplinar. O seu trabalho como ativista é informado pelo seu revisionismo histórico e social, onde pretende ajudar a desconstruir normativas segregacionais. O ativismo antirracista, classista, misógeno, capacitista, queerfóbico, xenofóbico, assim como os direitos dos animais e a proteção do planeta são o seu maior foco. Artisticamente, o seu trabalho tem por base o Afrofuturismo e criações multidisciplinares representativas, empoderadas, diversificadas e inclusivas, acreditando que o presente é a materialização do futuro equitativo para todes. Acredita

também que uma das funções da cultura e do artista é dar voz ao progresso social, portanto o seu trabalho de ativismo e revisionismo estão também interligados ao artístico.



Joana Gorjão Henriques. É jornalista no jornal Público. Participou no lançamento do suplemento de cultura Ípsilon, onde trabalhou como editora adjunta. Foi bolsista da Nieman Foundation for Journalism na Universidade de Harvard, EUA, e fez uma pós-graduação em Sociologia na London School of Economics (LSE). Autora do livro “Racismo em Português” (Tinta-da-china, 2016), sobre o lado africano da história colonial. Recebeu vários prémios de jornalismo: o Prémio AMI – Jornalismo Contra a Indiferença, Prémio e Menção Honrosa de Jornalismo de imprensa

escrita de Direitos Humanos e Integração, atribuído pela Comissão Nacional da UNESCO e pela Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Menção Honrosa da Fundação Corações com Coroa, e duas vezes o prémio de imprensa escrita Comunicação «Pela Diversidade Cultural», atribuído pelo Alto Comissariado para as Migrações.

Atores e encenador de *Rinoceronte*, de Ionesco



Graciano Dias. Fez o curso profissional da ACT - Escola de Actores para cinema e televisão. No cinema trabalhou com diversos realizadores: Jorge Paixão da Costa e Gonçalo Galvão Teles, João Botelho, André Lourenço e Paulo Valente, João Silva, Jorge Queiroga e Maria Brand. No teatro participou em inúmeros espetáculos dirigidos por António Pires quer como actor, quer como director e/ou assistente de encenação. Trabalhou com outros encenadores como: João Telmo, Ricardo Aibéo, Luísa Costa Gomes. Desde 2012 e até ao presente participou em variados projectos televisivos com diferentes realizadores como Patrícia Sequeira, Vicente Alves do Ó, André Santos e Marcos Leão, entre outros.

Duarte Guimarães. Iniciou o seu percurso teatral em Benfica com aulas lecionadas pelo actor António Feio. Em 1996 entrou para a Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo finalizado o curso em 2000. Em 1997 estreou-se profissionalmente no Teatro da Cornucópia no espectáculo *Os Sete Infantes*, (lenda dos sete infantes de Lara) e até ao seu encerramento participou em vários espetáculos da companhia encenados por Luís Miguel Cintra, Christine Laurent, Carlos Aladro e Brigitte Jaques. Trabalhou também fora da companhia com António Feio, Ricardo Aibéo, Joaquim Horta, Catarina Requeijo, António Pires e ainda Rodrigo Francisco com a Companhia de Teatro de Almada. Ao longo do seu percurso profissional tem trabalhado assiduamente para televisão, tendo participado como actor em várias séries e novelas portuguesas. Participou também em produções brasileiras e francesas. No cinema trabalhou em filmes de Maria de Medeiros, João Tuna, Raul Ruiz, Manuel Mozos, entre outros.

Ricardo Aibeo. Concluiu em 1996 o Curso Profissional de Artes do Espectáculo na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo. Estreou-se nesse mesmo ano em *Sonho de uma Noite de Verão* com encenação de João Perry e começou a trabalhar com o Teatro da Cornucópia mantendo uma ligação frequente e próxima. Trabalhou também com outros encenadores como Christine Laurent, António Pires, Jorge Silva Melo e Sandra Faleiro. No cinema, participou como actor em filmes de José Álvaro Morais, Manoel de Oliveira, Alberto Seixas Santos, Inês Oliveira, Valeria Sarmiento, Catarina Ruivo, Raquel Freire, entre outros. Estreou-se como encenador em 2000 com *Hamlet* de Luís Buñuel apresentado no Teatro da Cornucópia, no mesmo local encenou *Duas Farsas Conjugais* de Georges Feydeau, *César Anticristo* de Alfred Jarry e *Leôncio e Lena* de Georg Buchner, as duas últimas com produção SUL. Dirigiu ainda *Gata Borralheira* de Robert Walser, com co-produção SUL e Culturgest, *A Morte de Tintagiles* de Maurice Maeterlinck com co-produção SUL e Teatro do Bairro e ainda *A Boda* de Bertolt Brecht com co-produção Sul, CCB e TNSJ e *Rinoceronte* de Eugéne Ionesco com produção SUL. Realizou a curta-metragem *O Estratagema do Amor*, com produção Filmes do Tejo onde obteve o prémio de Melhor Realizador no Festival de Cinema da Covilhã. Realizou em coprodução com a RTP e a SUL o documentário *A Ilha* sobre o Teatro da Cornucópia. Realizou o filme *Miserere*, filmagem do espectáculo construído a partir de textos de Gil Vicente, concebido pelo Teatro da Cornucópia no TNDMII.

Rita Durão. Nasceu em Lisboa em 1976. Começou a fazer teatro na escola, no projeto 4º Período – O do Prazer, sob a orientação de António Fonseca. Em 1995 estreou-se profissionalmente na peça *A Disputa* encenada por João Perry. Iniciou em 1996 um percurso de proximidade e frequentes participações no Teatro da Cornucópia. Trabalhou com outras companhias e encenadores como Christine Laurent, Ricardo Aibéo, Jorge Silva Melo, Tónan Quito, Rafaela Santos, Joaquim Horta, António Pires. No cinema trabalhou com realizadores como João César Monteiro, José Álvaro Morais, José Fonseca e Costa, Rita Azevedo Gomes, Catarina Ruivo, Luis Filipe Rocha, Alberto Seixas Santos, Inês Oliveira, Jeanne Waltz, Ricardo Aibéo, Christine Laurent, Maria de Medeiros, João Constâncio, Marco Leão e André Santos, Sérgio Graciano, Joaquim Horta. Em 2014 recebeu o Prémio Sophia - Melhor Actriz com o filme *Em Segunda Mão*, recebeu o Prémio Cineport – Melhor Actriz em *A Vingança de uma Mulher* e o Prémio GDA – Melhor Actriz com o filme *Em Segunda Mão*. Em 2013 recebeu o Prémio Sociedade Portuguesa de Autores – Melhor Actriz com o filme *A Vingança de uma Mulher*. No ano de 2004 recebeu o Prémio de Melhor Actriz no festival Curtas de Vila do Conde com o filme *O Estratagema do Amor*.

Sofia Marques. Concluiu o curso de Formação de Actores da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Trabalhou regularmente com o Teatro da Cornucópia desde 1996 até ao seu encerramento onde integrou dezenas de dezenas de elencos, na sua maioria encenados por Luís Miguel Cintra. Tem colaborado igualmente com outros encenadores como Christine Laurent, Ricardo Aibéo, Carlos Aladro, Ana Zamora, Miguel Moreira, Tónan Quito, António Pires, Bruno Bravo entre outros. No cinema foi intérprete em várias

longas e curtas-metragens, tendo trabalhado com os realizadores Jean Claude Biette (Três Pontes sobre um Rio), Raquel Freire (Rasganço e Veneno Cura), Ivo Ferreira (Em Volta), Lorenzo Bianchini (Occhi), Inês Oliveira (Cinerama), Manuel Mozos (Ramiro), Joaquim Pinto e Nuno Leonel (Ethos), entre outros. Na televisão participou em diversas séries como *Conta-me* como foi RTP, Encarregados de Educação RTP, entre outras. Realizou os documentários *Vê-lo assim tão pertinho* (2010), *8816 versos* (2013) e *Ilusão* (2014), este último vencedor do Prémio Jornal Público para Melhor Longa-Metragem Portuguesa no festival Doclisboa'14. Em 2016 ganhou o Prémio Autores 2016 da SPAutores na Categoria Melhor Actriz de Teatro com o espectáculo *Lisboa famosa, portuguesa e milagrosa*, com encenação de Luís Miguel Cintra. Em 2021 ganhou o prémio para melhor actriz de cinema no Pollino International Film Fest'21 com o filme *Nevoeiro* de Daniel Veloso. É associada fundadora da SUL – Associação Cultural e Artística.



João Constâncio. É Professor Catedrático do Departamento de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou, em 2005, com uma dissertação sobre Platão, e onde ensina desde 1996. É Coordenador-executivo do Departamento de Filosofia e Director, bem como investigador, do Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA). É autor do livro “Arte e niilismo: Nietzsche e o enigma do mundo” (tinta-da-china, 2013) bem como de muitas outras publicações.



Gerard Bourgogne (em apresentação com a Academia de Música de Almada). Estudou flauta com Michel Debost e Alain Marion e Jean-Pierre Rampal. Em 1987, formou-se na Fundação Menuhin. Com uma bolsa do Estado, estudou com os maestros Garlv Bertini e Noham Sheriff, em Salzburgo. É responsável pela Union des Femmes Artiste Musiciennes (UFAM) e produtor de CDs sob o selo “Traversières Flûte Collection”, editado pela l’Association Française de la flûte.



Sofia Cascalho (Cravo), Vânia Moreira (Violoncelo) apresentarão obras de J. Martin Hotteterre, François Couperin e Jean Baptiste Dupuits.

Na corte de Louis XIV é um quarteto de música antiga, constituído maioritariamente por músicos que simultaneamente pertencem ao Corpo docente da Academia de Música de Almada e possuem uma especialização na prática da música historicamente informada. No programa deste espectáculo Sara Maia (Soprano), Suzana Silva Batoca (Flautas), Ana